

**CIRCUITO CURTO DE COMERCIALIZAÇÃO E UNIDADE
PRODUTIVA FAMILIAR: UMA ANÁLISE DE IMPACTO A PARTIR
DA FEIRA DIGITAL DA AGRICULTURA FAMILIAR DE FEIRA DE
SANTANA-BA**

Celiane Bispo Pereira¹; Wilon Mazalla Neto²

¹Discente do Curso de tecnologia em alimentos- CETENS-UFRB; Email:celianebispo17@gmailcom¹

²Orientador- Professor adjunto do CETENS-UFRB; Email: wilonmazalla@ufrb.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

CELIANE BISPO PEREIRA

CIRCUITO CURTO DE COMERCIALIZAÇÃO E UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR: UMA ANÁLISE DE IMPACTO A PARTIR DA FEIRA DIGITAL DA AGRICULTURA FAMILIAR DE FEIRA DE SANTANA-BA

Artigo científico apresentada como requisito para a obtenção do título de Tecnóloga em Alimentos do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Feira de Santana, 22 de dezembro de 2022.

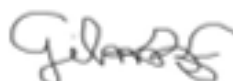
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilson Mazalla Neto
Doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof.ª Dra. Liz Oliveira dos Santos
Doutora em Química pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Gilmara Borges Ferreira
Licenciada em educação do campo
Especialista em pedagogia histórico crítica

RESUMO

Os canais curtos de comercialização de alimentos têm sido apontados como notáveis inovações emergentes junto ao sistema agroalimentar, a partir disto entende-se por circuito curto as modalidades de comercialização, geralmente de produtos alimentares agrícolas ou transformados, na qual há, no máximo, um intermediário entre o produtor e o consumidor (MARÉCHAL, 2008). O objetivo deste artigo se fundamenta na pesquisa referente aos circuito curto de comercialização e unidade produtiva familiar, propondo uma análise de impacto a partir da feira digital da agricultura familiar de Feira de Santana-BA. A metodologia trabalhada se dá através da pesquisa qualitativa a qual se refere a um espiral de pesquisa que cogita a resolução de uma pergunta específica, como estratégia metodológica este espiral é subdividido em três etapas compreendendo a exploratória, trabalho de campo, finalizando com a análise e tratamento do material empírico e documental, utilizamos como estratégia de pesquisa as entrevistas semiestruturadas, formulamos um questionário de perguntas abertas e fechadas onde tratamos de obter informações sobre sistema de produção, processo de comercialização, diversidade de produtos, e nível de conhecimento sobre os circuitos curtos de comercialização. A pesquisa se deu com oito produtoras/ feirantes fornecedoras de hortaliças, frutas, legumes, derivados da mandioca, produtos de origem animal e ervas medicinais. A troca de experiências entre consumidores, produtores, e intermediários permitem o acesso a uma vasta diversidade de conhecimento, proporcionando o desenvolvimento produtivo do pequeno produtor, aumentando a renda e gerando alternativas para o abastecimento. A feira representa uma alternativa para o desenvolvimento local e regional, contribuindo com a diversidade e melhoria na oferta de alimentos à população. Contudo o resultado que obtivemos foram satisfatórios, visto que conseguimos alcançar o objetivo cogitado, e compreendermos a influência destes circuitos no desenvolvimento da unidade produtiva familiar, e sua importância no processo de desenvolvimento e valorização da agricultura familiar.

Palavras-chave. Agricultura Familiar, Consumo, Sistema Agroalimentar.

ABSTRACT

The short channels of food marketing have been pointed out as notable innovations emerging in the agri-food system, based on this, short circuit is understood as the marketing modalities, generally of agricultural or processed food products, in which there is, at most, one intermediary between the producer and the consumer (MARÉCHAL, 2008). The objective of this article is based on the research related to the short circuit of commercialization and family productive unit, proposing an impact analysis from the digital fair of family agriculture in Feira de Santana-BA. The methodology worked takes place through qualitative research which refers to a research spiral that considers the resolution of a specific question, as a methodological strategy this spiral is subdivided into three stages comprising the exploratory, field work, ending with the analysis and treatment of empirical and documentary material, we used semi-structured interviews as a research strategy, we formulated a questionnaire with open and closed questions where we tried to obtain information about the production system, commercialization process, product diversity, and level of knowledge about short circuits of commercialization. The research was carried out with eight producers/marketers that supply vegetables, fruits, legumes, cassava derivatives, animal products and medicinal herbs. The exchange of experiences between consumers, producers, and intermediaries allows access to a vast diversity of knowledge, providing the productive development of small producers, increasing income and generating alternatives for supply. The fair represents an alternative for local and regional development, contributing to diversity and improvement in the supply of food to the population. However, the result we obtained was satisfactory, since we were able to reach the considered objective, and understand the influence of these circuits in the development of the family productive unit, and its importance in the process of development and valorization of family agriculture

Key words. Family Farming, Consumption, Agrifood System.

1. INTRODUÇÃO

Os canais curtos de comercialização de alimentos têm sido apontados como notáveis inovações emergentes junto ao sistema agroalimentar, a partir disto entende-se por circuito curto as modalidades de comercialização, geralmente de produtos alimentares agrícolas ou transformados, na qual há, no máximo, um intermediário entre o produtor e o consumidor (MARÉCHAL, 2008). Neste cenário, Marsden et al. (2000) afirmam que os circuitos curtos de comercialização surgiram com o viés de preencher algumas lacunas existentes na regulamentação do governo convencional, e na busca por uma alimentação e manipulação de alimentos de forma mais saudável. Darolt (2013) complementa essa interpretação ressaltando que nesse tipo de mercado os produtores possuem maior autonomia sobre o que será produzido, e reúnem uma gama de produtos geralmente mais diversificada por empreendimento, em comparação a agricultura patronal. Esse tipo de comércio se estrutura na negociação e produção local, com característica comunitária e informal, marcada por essa diversidade produtiva.

De acordo com Guzzatti, Sampaio e Turnes (2014) o circuito curto pode ser definido como a comercialização de produtos agrícolas, que visam o estabelecimento de relações mais diretas entre agricultores e consumidores. No caso do Brasil, a ideia de diminuir a distância entre produtor e consumidor está muitas vezes ligada ao desenvolvimento de formas alternativas de produzir alimentos, em particular ao movimento da agricultura orgânica e agroecológica. O circuito curto, termo que se difunde no Brasil, é visto como uma forma para os produtores agroecológicos escoar seus produtos sem ter que se submeter às exigências técnico-econômicas e de padronização dos mercados convencionais, conservando uma maior parte de valor agregado (DAROLT, 2012).

Não obstante, as últimas décadas foram marcadas pelo desenvolvimento de novas cadeias de comercialização de alimentos que evidenciam certo dinamismo no interior do sistema agroalimentar e a necessidade da busca por alternativas, principalmente no período acarretado pela COVID19. Foi exatamente neste contexto de pandemia que possibilitou o surgimento da feira digital da agricultura familiar de Feira de Santana, a partir da parceria entre o sindicato e a universidade federal do recôncavo da Bahia, a qual tem atuação direta junto ao desenvolvimento sindical e associativo do município, a mesma surge como uma alternativa para que os pequenos agricultores pudessem continuar produzindo sem que houvesse perdas pela ausência de meios para escoar a produção.

Autores como Maréchal (2006) et Prigent-Simonin e Hérault-Fournier (2012) reafirmam este potencial dos circuitos curtos em dinamizar a economia local, valorizando os recursos territoriais de forma que venha a fortalecer a agricultura familiar e seus envolvidos, embora os circuitos curtos de comercialização representem um grande potencial de desenvolvimento para a agricultura familiar, aspectos centrais de seu funcionamento ainda são fontes de acalorados debates os quais possibilitam a atuação universitária no mapeamento e pesquisa nestes movimentos. Dito isto, foi desenvolvido um projeto de extensão intitulado alimentos da terra: fortalecimento de circuitos curtos de comercialização de alimentos da agricultura familiar de Feira de Santana, o qual foi desenvolvido junto a feira digital com o intuito de fomentar e fortalecer a iniciativa, e é a partir disto que surge a inquietação desta pesquisa que objetiva identificar, segundo a perspectiva dos agricultores que fornecem alimentos à feira digital, a importância deste meio de comercialização na vivência da agricultura familiar e seus impactos para o desenvolvimento e fortalecimento da mesma.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar os impactos gerados a partir dos circuitos curtos de comercialização, visando compreender o desempenho junto a feira digital da agricultura familiar de Feira de Santana, destacando sua atuação e influência no desenvolvimento e/ou fortalecimento dos agricultores que utilizam deste meio para comercialização de seus produtos.

Objetivos Específicos

1. Compreender a visão dos agricultores quanto aos ganhos provenientes dos circuitos curtos de comercialização;
2. Analisar as estratégias de comercialização entre os agricultores e a feira digital;
3. Avaliar o incentivo dos circuitos curtos de comercialização no desenvolvimento da agricultura familiar;

3. METODOLOGIA

A metodologia de toda pesquisa ou trabalho científico demonstra a direção que o pesquisador irá percorrer para alcançar os objetivos, o orientando na investigação, além disto, transmite sua interpretação de mundo e suas concepções sobre a realidade analisada. A escolha da pesquisa empírica, reforça um estudo referente aos circuitos curtos de comercialização e sua viabilidade como alternativa de diversificação da unidade produtiva familiar, trazendo uma análise de impacto enfatizado na feira digital da agricultura familiar de feira de Santana-BA.

As estratégias metodológicas utilizadas se baseiam nos métodos qualitativos de investigação, utilizando o ciclo de pesquisa qualitativa como principal norte, a mesma se refere a um espiral de pesquisa que busca a resolução de uma pergunta específica, gerando como produto final a resposta do assunto demandado e possivelmente indagações para outros questionamentos sobre o tema proposto. (Minayo 2007, p. 21)

Assim, como estratégia metodológica este espiral é subdividido em três etapas para melhor acompanhamento, desempenho na pesquisa e obtenção de um produto final com a qualidade desejada, mais especificamente este processo se inicia com a fase exploratória: com a construção geral da pesquisa, delimitação do tema proposto e desenvolvimento teórico e metodológico; segue-se o trabalho de campo que trata da construção empírica da prática delimitada na primeira etapa acima citada, esta fase deve combinar instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e qualquer outra atividade que venha a gerar dados proveitosos para o aperfeiçoamento da pesquisa. Por último e não menos importante a etapa de análise e tratamento do material empírico e documental, qual diz respeito ao conjunto de material empírico e tratamento dos dados adquiridos durante a pesquisa, possibilitando a compreensão, interpretação dos dados e geração do produto final cogitado com a pesquisa. (SUELY FERREIRA. Et al.2007).

Não obstante, a partir do tratamento de dados obtivemos resultados quantitativos gerados pela abrangência da entrevista e proposito da pesquisa, todavia estes dados não oportunizam a alteração da estratégia metodológica da pesquisa. Desta forma, Entendemos o campo, na pesquisa qualitativa, como o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação (MINAYO, 2006), ou seja, o impacto gerado por uma determinada atividade para uma população específica,

o que coloca a entrevista como a estratégia mais usada na pesquisa, para Minayo,2007 As entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização, podendo ter diversas classificações a exemplo a combinação utilizada nesta pesquisa, onde trazemos a sondagem de opinião semi-esruturada fundamentada mediante um questionário totalmente estruturado, com questões abertas e fechadas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem necessariamente se prender ao formulário.

Dito isto, os sujeitos investigados, nesta pesquisa, foram exclusivamente constituídos por agricultores que atuam com a produção agroecológica e tem seu produto escoado a partir da feira digital da agricultura familiar de Feira de Santana- BA. Sendo que efetuamos um recorte neste quadro de fornecedores, onde atuamos com um grupo de oito agricultoras que produzem e comercializam principalmente produtos in natura junto a mesma. Com essa base, atuamos seguindo as etapas das estratégias metodológicas acima citadas, utilizando o questionário estruturado no desenvolvimento das entrevistas, tomadas no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre o determinado tema científico, como a estratégia usada neste processo de trabalho de campo. (Minayo,2007, p. 64)

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Circuito curto de comercialização

Os circuitos de proximidade, ou também conhecido no Brasil como circuito curto de comercialização, têm sido tema de diversos debates atualmente, apesar de não ser um campo relativamente recente, os circuitos curtos têm ganhado maior visibilidade nos últimos anos, principalmente por se tratar de um meio comercial que vem proporcionando o desenvolvimento da agricultura familiar e se tornou, assim, uma das principais alternativas no escoamento dos alimentos oriundos da agricultura familiar. Através das feiras digitais, cestas a domicílio, dentre outras alternativas incrementadas com as mídias digitais, atuam como circuito curto de comercialização. Atualmente verificamos uma tendência de escala internacional, embora minoritária, essa forma de distribuição está se diversificando e encontrando novos públicos atraídos pela proximidade geográfica, relacional ou informacional com os produtores e pela promessa de produtos frescos, diversificados e produzidos em cadeias de escala humana (CHIFFOLEAU,2019).

Conceitualmente na visão de Chaffote e Chiffolleau (2007), os circuitos curtos de comercialização são aqueles que envolvem até um intermediário entre o produtor e o consumidor, sendo os circuitos curtos de venda: direta (sem intermediários) e indireta (com apenas um intermediário). Complementando esse conceito, Schneider e Ferrari (2015), pontuam que as cadeias curtas se apresentam como opções com diferentes dimensões: sendo elas, espaciais, ao abreviar as distâncias que os alimentos percorrem entre a produção e o consumo; social, ao gerar contato face a face entre produtores e consumidores, que resultam em confiança e integração na cadeia; e, econômica, criando mercados locais para a produção. Assim, esta divisão em diferentes dimensões são o que fazem dos circuitos curtos um sistema completo.

Darolt (2013) completa essa interpretação ressaltando que nesse tipo de mercado os produtores possuem maior autonomia sobre o que será produzido, e reúnem uma gama de produtos geralmente mais diversificada por empreendimento, em comparação a agricultura patronal. Esse tipo de comércio se estrutura na negociação e produção local, com característica comunitária e informal, marcada por essa diversidade produtiva que impossibilita a perda de produção ou desvalorização da mesma por dificuldades no escoamento da produção. (DAROLT, 2013).

Com tudo, os circuitos/canais curtos de comercialização se constituem dentro do sistema agroalimentar como contraponto ao modelo de produção e comercialização predominante (SEVILLA GUSMÁN, 2012), possibilitando ao consumidor uma maior garantia da origem do produto, podendo gerar o diálogo direto com o agricultor, o qual também é beneficiado tanto no que diz respeito ao escoamento da produção quanto no aproveitamento econômico, já que não tem a necessidade de comercialização com atravessadores que não agregam valor a estes produtos. Para, DIAS, (2017) a solidificação dessa forma de comercialização de produtos e a fidelização (ou pelo menos continuidade) do consumidor em adquirir os produtos locais, admite-se que de maneira individual ou sob a forma de cooperação, certamente haveria uma melhora contínua na qualidade e quantidade dos produtos comercializados nestes circuitos, e conseqüentemente a melhoria e desenvolvimento da agricultura familiar.

4.2 Agricultura Familiar

Embora existam diferentes visões sobre o conceito e a importância da agricultura familiar, as concepções mais conhecidas partem do pressuposto que neste tipo de produção agrícola a propriedade das terras e trabalho estão intimamente ligados, visando garantir o sustento da família mediante a produtividade da terra (LAMARCHE, 1997). Entendimento este reforçado pela lei brasileira, que vincula o conceito de agricultura familiar com critérios tais como: tamanho da propriedade, predominância familiar da mão-de-obra e gestão familiar da unidade produtiva, bem como percentual mínimo de renda familiar provindo da unidade produtiva, conforme estabelece a Lei 11.326/2006 (BRASIL, 2006).

Assim, Ploeg (2014), destaca que a agricultura familiar representa uma forma pela qual as pessoas cultivam e convivem, ou seja, a realidade dessa forma de produção vai além dos dois principais aspectos comumente usados para descrevê-las: família como proprietária das terras e trabalhos realizados por seus membros, e esta alteração de cenário não se dá somente no que diz respeito ao conceito de agricultura familiar, (Wanderley, 2001), comenta que a agricultura familiar atualmente tem assumido uma lógica moderna, onde o agricultor tem se profissionalizado e o espaço rural perde o paradigma de sociedade parcial e se inclui na sociedade nacional., novos desafios são postos a estes agricultores, que tendem a continuar a lutar pelo espaço almejado e este mesmo meio rural, cenário em que a agricultura familiar se situa, é hoje, mais do que nunca, espaço constituído por múltiplas atividades agrícolas e não-agrícolas, motivo pelo qual a agricultura familiar é aqui compreendida numa concepção mais

ampla incluindo, de forma integral, atividades como a organização de agricultores, produção, beneficiamento, comercialização de produtos agrícolas e não agrícolas, turismo, pesca, artesanato, etc., conformando o que hoje denomina-se “novo mundo rural” (Graziano da Silva e Del Grossi, 1995; Graziano da Silva, 1999).

Não obstante, como consequência dessas mudanças as novas possibilidades de inserção da agricultura familiar nos mercados agroalimentares com base em estratégias autônomas requerem uma ótica de “construção de mercados” adequada à realidade dos agentes econômicos de pequeno porte (Maluf; Wilkinson, 1999), e é a partir desta perspectiva que tem-se incrementado os circuitos curtos de comercialização atuando como uma rede de mercado para suprir esta necessidade da agricultura familiar de forma que propicie cada vez mais seu desenvolvimento. Assim, o estreitamento das relações entre produtor e consumidor e a adoção de ações integradas tem como intuito criar laços de confiabilidade, qualidade e continuidade no fornecimento destes produtos.

5. FEIRA DE SANTANA-BA e o SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS

Feira de Santana é uma cidade do Estado da Bahia, seus habitantes são denominados feirenses. O município conta com uma Área de unidade territorial em 2021 equivalente a 1.304,425 km² e contava com população de 556.642 no último censo de 2010, estimando-se uma população de 624.107 pessoas para o ano de 2021 (IBGE,2017). Assim, a História do município é marcada pelos laços comerciais desde o século XVIII, onde a região já se caracterizava como ponto de encontro de “tropeiros”, que faziam o comércio de mercadorias e gado com outros pontos do Nordeste. Neste período o município contava exclusivamente com suas origens voltadas para a passagem e comercialização de gado na região de Feira de Santana, entretanto a cidade desenvolveu uma feira livre que, mais tarde, tomou grandes proporções, e conseqüentemente o desfecho de uma longa trajetória de desenvolvimento no município. (TATIANA FARIAS, 2009)

Com isso, segundo Vicente Diocleciano Moreira (1986, p. 175), na década de 60 estas atividades ao ar livre, como a feira, sofriam diversos ataques contrários a sua permanência no centro da cidade, fato pelo qual ocasionou sua extinção na década de 70. Destacadamente nesse mesmo período, a cidade inicia um processo de crescimento da população urbana, ocasionado principalmente pelo fluxo de pessoas oriundas não só da zona rural da região (OLIVEIRA, 1997. P 23 apud TATIANA FARIAS,2009), quanto também vindo de outras regiões circunvizinhas atraídos pelo avanço industrial no município. Não havendo tantas ofertas de emprego para esta mão-de-obra que havia recém chegado à cidade, restou como alternativa de sobrevivência “a venda ambulante, o subemprego, e principalmente, a feira livre” (MOREIRA, 1986, p. 175). Neste período a feira livre volta a ter atuação com crescimento considerável em todo o centro da cidade e conseqüentemente foi se modernizando, o que gerou ao poder público a necessidade de controlar este crescimento, possibilitando o surgimento do centro de abastecimento do município.

Contudo, as atividades econômicas da população da zona rural continuariam exercendo um papel importante para a economia da cidade, haja vista que seus produtos, na maioria das vezes, eram trazidos para serem comercializados nas feiras da cidade, já que uma minoria tinha a possibilidade de comercialização nos centro de abastecimento, devido a demanda e variedade de produtos, a ausência ou pouca disponibilidade de produtos em certos períodos do ano, além da interferência climática que acabou acarretando a perda de qualidade de produção e

principalmente o pouco apoio do governo para com o fortalecimento da agricultura familiar naquele período.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Feira de Santana (STRFS) foi fundado em 23 de janeiro de 1971, contexto em que inúmeros movimentos sociais no Brasil enfrentavam a Ditadura Militar, que reprimia os movimentos e suas inúmeras organizações. (Oliveira,2001; apud FARIAS, 2009).

Em nível nacional, os sindicatos surgem neste período pela criação do fundo de assistência do trabalhador rural (FUNRURAL), que na época, surgiu para que os trabalhadores tivessem acesso a aposentadoria e benefícios oriundos do programa, o sindicato tinha como principal função cadastrar estes trabalhadores a serem beneficiados, e nesta perspectiva se mantiveram por um longo período de tempo. Entretanto, somente uma minoria dos homens do campo eram beneficiados, e no que diz respeito às mulheres, sequer tinham políticas voltadas a atender suas demandas.

Com isso, TATIANA FARIAS (2009) ainda contempla que, inicialmente o STRFS se configurou como uma instituição voltada para atender aos interesses dos fazendeiros e grupos políticos da ala conservadora da região de Feira de Santana, desconsiderando grande parte das demandas trabalhistas no campo. No entanto, os trabalhadores rurais aos poucos foram intervindo nas diretrizes e incrementando as lutas em prol do desenvolvimento da população camponesa, a partir disto outros movimentos e instituições se ligaram na busca ao fortalecimento da classe. Não obstante, estes conflitos se estenderam por um longo período e se intensificou com a inclusão dos distritos, tempos depois houve o crescimento e fortalecimento dos movimentos sindicais e conseqüentemente uma série de conquistas para os trabalhadores rurais e principalmente no que diz respeito as mulheres, o protagonismo feminino toma frente as ações sindicais possibilitando assim o crescimento e valorização da classe, que até os dias atuais seguem ocupando o espaço e fortalecendo o movimento de forma igualitária para todos os gêneros.

Atualmente, diversas questões sindicais ainda seguem em pauta por melhorias e na busca pelo desenvolvimento destas classe menos favorecida, desde o incentivo à legalização de documentação para garantia de direitos junto à receita federal, até a elaboração de projetos em benefício ao trabalhador rural. Posto que, essas lutas ainda seguem até os dias atuais, o principal foco deste trabalho se dá sobre uma destas iniciativas implementada a partir do sindicato dos trabalhadores rurais de Feira de Santana, a feira digital da agricultura familiar, que surge como uma alternativa de comercialização para os pequenos produtores de feira, mais especificamente

no período acarretado pela pandemia da Covid-19. No período se observavam diversas dificuldades já que não haviam onde escoar a produção devido a suspensão das feiras livres, assim utilizou as plataformas digitais como forma de comercialização direta entre estes agricultores e seus consumidores.

6. TRATAMENTO DE DADOS DAS ENTREVISTAS

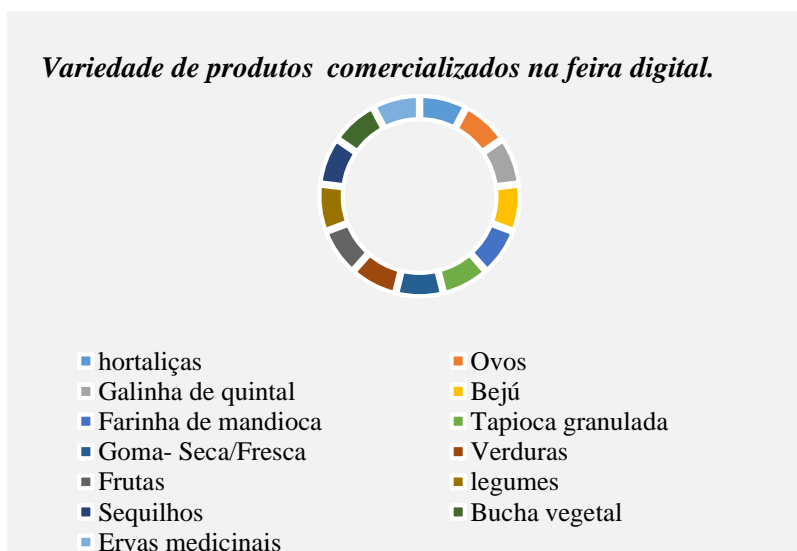
Para proceder a análise aprofundada das experiências obtidas através do questionário semiestruturado, desenvolvemos duas formas de apresentação, com gráficos para as perguntas fechadas e texto para as questões abertas, descrevendo assim, o conjunto de respostas de cada entrevistada com o intuito de evitar repetições e apresentar especificamente a temática objetivada.

Tabela 1 - Diversidade de fornecimento de alimentos na Feira Digital

Produto	Folhosas	Frutas	Animais e derivados	Legumes	Processados	Outros
Variedades	8	8	2	6	5	2

A variedade de produtos encontrados na feira é bastante diversificada, dentre as entrevistadas tivemos produtoras de hortaliças(couve, alface, coentro, hortelã, cebolinha, salsa, manjeriço e rúcula), legumes e verduras (Feijão, andu, aipim, abobora, mangalô, feijão de corda), frutas (banana, manga, acerola, tangerina, abacate, tamarindo, tomate e coco), produtos de origem animal(frango e ovos de quintal), processados (sequilhos, goma seca e fresca, tapioca, beiju tradicional/coco, e farinha de mandioca).dentre outros como as ervas medicinais, bucha vegetal,

Gráfico 4- Variedade de produtos.



Com efeito, neste processo é notório que a feira conta com uma diversidade de produtos, e ao mesmo tempo observamos que a maior variedade destes alimentos gira em torno da produção de folhosas e frutas. A partir da metodologia utilizada para a pesquisa podemos recolher dados além das respostas escrita de cada indivíduo, dito isto, no que se trata da comercialização e diversidade de produtos notamos que em sua maioria as respostas seguem o mesmo padrão, a tendência e intenção de comercializar toda a variedade existente no quintal produtivo, mas frisar no produto que detém maior frequência e/ou número de pedidos. Boa parte das entrevistadas prezam pela quantidade e não diversidade, tanto pela facilidade de manejo, quanto pela preocupação em manter o padrão das entregas, buscam produzir e comercializar os produtos considerados carro chefe na produção e na comercialização ou seja, procuraram desenvolver sua produção a partir da necessidade da feira.

Gráfico 1- Faixa etária das fornecedoras.

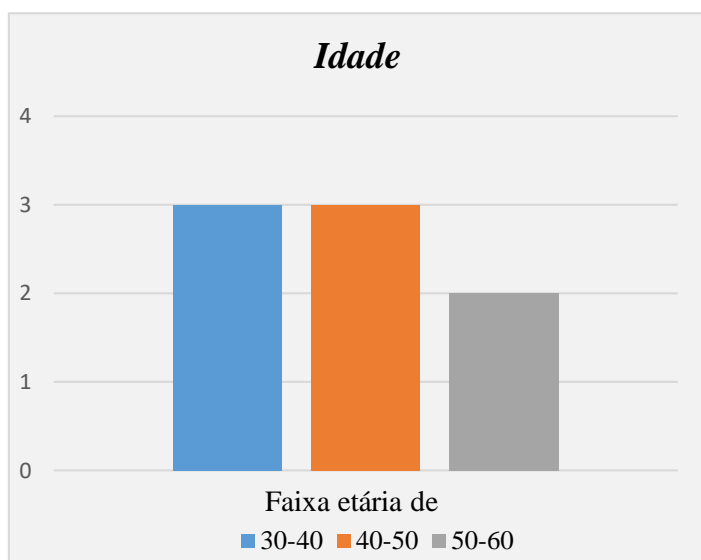
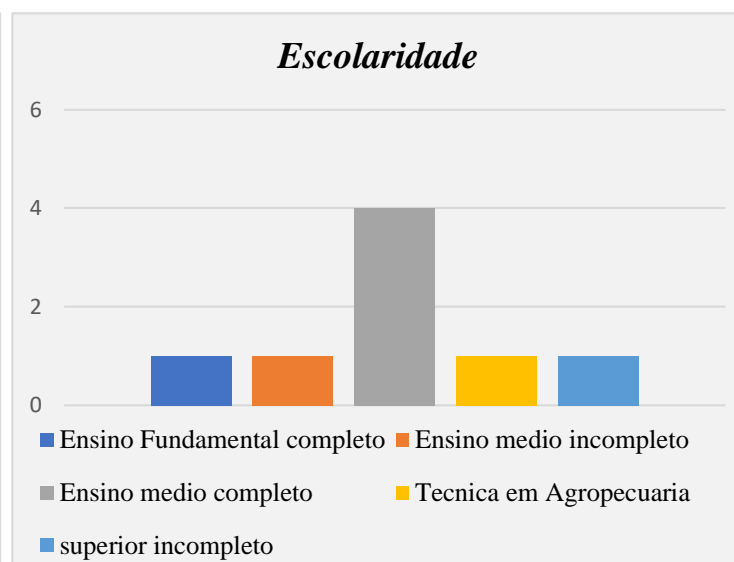


Gráfico 2- Escolaridade das Fornecedoras.



Os gráficos 1 e 2, podemos perceber que a faixa etária das entrevistadas estão situadas entre os 30 e 50 anos respectivamente, com uma pequena fração acima dos 50 anos de idade. Não obstante, o grau de escolaridade também se destaca, em sua maioria, as agricultoras fornecedoras da Feira Digital, apresentam o ensino médio completo, visto que trabalhamos com um público de maior idade, e levando em consideração as dificuldades encontradas no sentido de uma lacuna histórica quanto a educação nas áreas rurais, podemos considerar o resultado surpreendentemente positivo.

Gráfico 3- atuação na unidade produtiva.

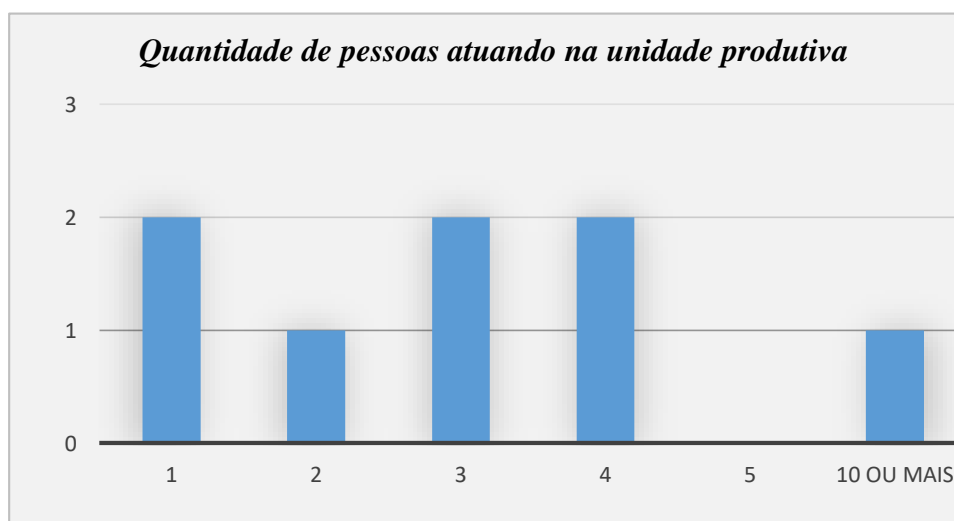


Gráfico 3, O mesmo diz respeito a quantidade de pessoas que atuam na unidade produtivas, notamos que em sua maioria essa atuação é desenvolvida por duas ou mais pessoas, isto por que os demais membros da família ou são composto por criança ou desenvolve outra atividade fora do campo produtivo.

Todas as entrevistadas têm acesso à internet e a mídia social mais utilizada é a plataforma de mensagem do whatsapp. A maioria das entrevistadas comercializam junto à feira digital desde o início da mesma em junho de 2020, ou seja a maioria das respostas foram colocada acima de dois anos, com exceção de apenas uma que iniciou a comercialização a cerca de 5 meses.

Não obstante, com maior predomínio nas respostas a feira digital foi colocada como primeira experiência de comercialização, ou no máximo as agricultoras apontaram comercializar apenas nas feiras organizadas pelo sindicato dos trabalhadores de feira de Santana. De forma minoritária observamos a venda por encomenda ou direta ao consumidor, e apenas duas destacaram a comercialização na feira da associação ou entrega para uma escola da zona rural.

Quando questionadas em relação à perdas da produção agrícola por falta de opções de comercialização, com exceção de apenas uma, todas as demais respostas foram afirmando que sim, tem bastante perca principalmente no período sazonal de produção, algumas relataram a perda de mais de 50% da produção principalmente de frutas, pois além de produzir bastante amadurecem muito rápido e hortaliças devido a sua fragilidade em suportar certas temperaturas ou após alcançar o ponto ideal de colheita. Em outros casos as perdas se justificam pela inviabilidade de comercialização, devido aos custos altos com transporte, que acabam inviabilizando a venda e a falta de local para armazenamento ou beneficiamento dos produtos que não são comercializados quando levados a feira, dito isto, em alguns casos estas agricultoras se unem para que uma única pessoa leve todos os produtos, ou até a comissão da feira da esse apoio aquelas que estão na mesma rota.

Não obstante estes eram resultados já esperados, como pudemos observar a partir das respostas, são diversos os fatores que possibilitam a perca da produção, entretanto, o principal ainda é o local para comercialização, porém todas as respondentes afirmaram que as percas diminuiriam consideravelmente após a comercialização na feira digital principalmente no que se referem aos produtos sazonais já que detém uma produção de maior intensidade.

Quanto aos valores dos produtos, em sua maioria foi respondido que é acessível, pois tem pouca diferença para os valores comercializados no centro de abastecimento, e todas

conseguem repassar para a feira pelo mesmo valor que comercializam sob encomenda ou na venda direta ao consumidor. Em partes foi considerado um bom preço, pois conseguem tirar o investimento e uma margem de lucro, além da vantagem de não perder mercadoria e as demais respostas pontuam por ser valores justos tanto para quem vende, quanto para quem consome, considera uma troca mutua em que todos se ajudam.

Assim, no que diz respeito aos questionamentos referente a influência da feira no desenvolvimento produtivo, todas as entrevistadas afirmaram que há sim muita influência, e comentaram sobre as principais temáticas que influencia tanto no aumento da produção quanto no desenvolvimento e melhoria na qualidade dos produtos, dentre estes destacaram a renda, principalmente por estarem sempre buscando produzir mais, para aumentar a quantidade de produtos e assim poder vender cada vez mais, e a divulgação pois facilita pra que outras pessoas possam ver a produção e contribuir com a denominada divulgação boca a boca, onde o diálogo entre diferentes pessoas possibilitam a divulgação de produtos e assim contribui com o aumento de encomendas para quem produz. Além de destacar a responsabilidade, pois tem em mente que pode receber o pedido de determinado alimento, assim busca formas para que não venha a faltar devido ao aumento da demanda, pois com a feira recebe mais pedidos e assim tem que produzir um pouco mais para que consiga atender a todos e pela valorização dos produtos, propiciando a agregação de valor e diminuindo consideravelmente a perda de produtos nos quintais produtivos.

Quando destacamos a importância da feira no período pandêmico, Respostas como, “Com certeza, este foi o principal propósito da feira, ajudou não só a mim quanto a outras pessoas que ficaram sem local para escoar sua produção”, ou “Sim, Bastante, serviu como uma terapia, não ficava em casa só pensando no momento em que estávamos passando e ainda gerou uma renda que ficou muito difícil conseguir no período”, representa o conteúdo das respostas recebidas, visto que o período pandêmico acarretou mudanças no cotidiano de todos, as duas falas acima contemplam os dados obtidos, a feira foi colocada como a principal fonte de renda no período, e assim estavam sempre na lida dado manutenção no quintal produtivo, o que amenizava o estresse causado pelo isolamento, servindo assim como uma atividade terapêutica que amenizou os impactos não só financeiro quanto psicológico.

Dito isto, indagamos essa importância de forma geral da feira na vida de cada uma delas, e as respostas se dividiram em muito e extremamente importante, os dados obtidos são imensamente satisfatórios, quando se trata da importância da feira as entrevistadas citam não só a importância

financeira, quanto a afetiva, o vínculo e ciclo de amizades que acabaram desenvolvendo, a oportunidade de fortalecimento e o apoio e incentivo que a coordenação da feira transmite,

“É muito importante, primeiramente pelo laço afetivo que sempre prezo e está muito mais além da comercialização, sem contar na divulgação que a feira acaba fazendo e secundamente pelo apoio para que eu possa escoar minha produção”, (Agricultora, Luciene S Santana)

Assim compreendemos que a feira tem seu grau de importância na vida de cada pessoa, mesmo se tratando de algo digital que não tem tanto contato com consumidores ou um coletivo de pessoas, pode-se criar laços que afetam positivamente a vida de cada um, influenciando no seu desenvolvimento e na formação de indivíduos que tendem a lutar pela causa e buscar sempre a melhoria e fomento não só da feira digital quanto da agricultura familiar.

Com tudo, no que se trata dos circuito curtos de comercialização, em sua maioria não souberam responder ou afirmaram não entender do assunto. Visto que se trata de algo diretamente ligado a vivência de cada uma, não alcançaram a resposta desejada ou mesmo que se aproxime completamente do conceito abordado, já que obtivemos respostas como, “Maior divulgação da feira, venda em curto período de tempo e tempo mínimo de preparo”, diante disto compreendemos que as diferentes concepções e divergências de nomenclatura e termo acomete no entendimento das pessoas, gerando dúvida e/ou incompreensão de determinados assuntos.

Não obstante, pesquisa qualitativa tende a obter resultados que geram diversos outros questionamentos, ou abrem espaço para a busca por resolver outras questões como também em aprofundar a linha de pesquisa, a feira digital conta com uma vasta área a ser pesquisada, no que diz respeito ao ser um circuito curto de comercialização dobramos esse raciocínio, os resultados que obtivemos com o questionário foram satisfatórios, visto que conseguimos alcançar o objetivo cogitado, e compreendermos a influência destes circuitos no desenvolvimento produtivo de cada uma.

6.1 ANÁLISES E SÍNTESES

Durante o processo de construção deste trabalho até o produto final foram feitas diversas constatações referente aos circuitos curtos de comercialização, pudemos perceber a partir da pesquisa a parcela de influência da feira digital no processo de desenvolvimento produtivo da agricultura no município, e principalmente o apoio financeiro e terapêutico no período pandêmico, diante disto pudemos não só compreender mas também vivenciar as principais características dos circuitos curtos o qual se baseia na especificidade por sua particularidade direcionada ao pequeno produtor, a aproximação entre produção e consumo que é seu principal objetivo, e seu, enraizamento implementando um mercado de comercialização.

Nos resultados obtidos através das entrevistas pudemos constatar que, mesmo estando diretamente ligado ao desenvolvimento da agricultura familiar, contribuindo no processo de construção e melhoria dos meios de comercialização de alimentos, os circuitos curtos de comercialização ainda segue tecnicamente desconhecido pela população, a qual muitas vezes estão vivenciando o processo porém, por desinformação não compreende ao que se refere o termo. Diante disto podemos compreender que as diversas variações de nomenclatura tem influenciado na difusão do conhecimento sobre o mesmo, e assim impossibilitando a sua valorização teórica no que diz respeito a agricultura familiar.

No que diz respeito às entrevistadas, pudemos constatar que as produtoras/ feirantes são relativamente adultas, situando-se na faixa etária entre os 30 e 60 anos, e possuem escolaridade máxima no nível superior incompleto, todas residem na zona rural e o trabalho de produção é exclusivamente familiar, participando do processo produtivo em média quatro pessoas por propriedade. Além da produção destinada a feira, as agricultoras também se dedicam a outros mercados de comercialização, como a venda direta ao consumidor, encomenda de produtos, feiras promovidas pelo sindicato ou associação e em um dos casos entrega na escola, que propicia ainda mais o desenvolvimento do quintal produtivo, levando em consideração a necessidade de atender a demanda.

No que tange a dinâmica da feira, as produtoras buscam focalizar a produção naqueles produtos que recebem mais encomendas de pedidos, e procuram manter a produção de forma que atenda a toda a demanda de venda, sendo que sempre que detém outra variedade de produto, como as frutas ou qualquer outro produto de ciclo sazonal buscam informar com antecedência comissão da feira para que seja adicionado ao cardápio da semana, tendo em vista que a feira acontece apenas uma vez na semana (todas as quintas-feiras) este diálogo entre produtor e intermediário promove o beneficiamento mútuo, com a maior variedade e diversificação no cardápio da feira e o aproveitamento da produção já que evita a perda do produto pela ausência da comercialização.

Segundo as entrevistadas os produtos comercializados na feira são todos de produção própria. Entre os principais produtos tem-se uma vasta variedade de hortaliças, mas também atuam com produtos derivados da mandioca como a goma, fécula, beiju, sequilhos e farinha, como também as frutas, legumes e verduras, frango e ovos de quintal, além de bucha vegetal e ervas medicinais, em linhas gerais podemos dizer que a vasta diversidade de produtos e a facilidade em adquirir todos os produtos no mesmo lugar influencia na fidelização do consumidor, assegurando a manutenção da feira.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de dar início às entrevistas, realizamos um levantamento de informações sobre o tema proposto, referenciando os circuitos curtos de comercialização, a agricultura familiar e o processo de desenvolvimento do sindicato no município, fizemos a pesquisa bibliográfica e o acompanhamento do processo de comercialização na feira digital de Feira de Santana, e do desempenho evolutivo das feiras livres relacionadas ao SINTRAF-Feira.

No total foram entrevistadas 8 agricultoras e o método empregado fundamentou-se em entrevistas semiestruturadas, tratamos de obter informações sobre o sistema de produção, processo de comercialização, diversidade de produtos, e nível de conhecimento sobre os circuitos curtos de comercialização. Procuramos, também, entender melhor a evolução no sistema de comercialização e a importância do contato direto entre produtor e consumidor. Por fim, complementamos com perguntas sobre investimentos e /ou desenvolvimentos futuro e expectativas no que diz respeito ao avanço da agricultura familiar e da feira digital.

O número de entrevistados para a pesquisa foi satisfatório, visto que se objetivou obter elementos para uma análise qualitativa, e os indivíduos entrevistados diversificaram o modelo de produção e de produtos engajando maior conteúdo para o tratamento de dados da pesquisa.

8. CONCLUSÃO

Com tudo, os resultados permitem constatar que a feira digital contribuiu direta e indiretamente no desenvolvimento da unidade produtiva familiar, Para Pierri e Valente (2015), os circuitos curtos de comercialização são significativos para a economia local, através da geração de trabalho e renda e oferta de alimentos saudáveis. Ainda na visão desses autores, o intermediário pode atuar de forma positiva na cadeia, auxiliando no escoamento da produção de uma região, oferecendo maior volume e uma oferta diversificada, colocando também no mercado, produtos de agricultores que não estão realizando tarefas de comercialização direta.

As unidades produtivas familiar do município tendem a se desenvolver cada vez mais, visto que o município conta com uma grande população e influência direta do sindicato na busca por alternativas e melhorias para os pequenos produtores do município, a promoção de feiras, quermesse e o apoio a feira digital, são os principais forte de valorização, desenvolvimento e divulgação destes produtos, além das parcerias com universidades e instituições para promover capacitações que são extremamente importantes para o aprendizado e melhoria da unidade produtiva.

A troca de experiências entre consumidores e produtores, bem como entre intermediários permitem o acesso a uma vasta diversidade de conhecimento, o que pode proporcionar o aumento da produção do pequeno produtor, aumentando a renda e gerando alternativas para o abastecimento local. A feira representa uma alternativa para o desenvolvimento local e regional, contribuindo com a variedade e a melhoria na oferta de alimentos à população.

9. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wodis Kleber Oliveira. **A relação campo-cidade no município de Feira de Santana – BA: renda da terra, campesinato e ruralidades**. 2015. 335 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

ARAÚJO, W. K. O. **Hortaliças e agroecologia: Um caminho para as micro propriedades rurais no município de Feira de Santana-BA**. *Cadernos Macambira*. 2017.

CHIFFOLEAU, Y. **Les circuits courts alimentaires**. Entre marché et innovation sociale. Toulouse: Erès, 2019, 174 p. (Sociologie économique).

DAROLT, M. R., LAMINE, C., & BRANDEMBURG, A. **A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês**. *Revista Agriculturas*, 10(2), 8-13. 2013.

DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu. MINAYO, M. C. S. (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DIAS, Bruno Leonardo da Silva. Os desafios na formação de um circuito curto: uma análise da olericultura em Conceição do Jacuípe. Cruz das Almas, BA, 2017. 131f.

Elisabetta RECINE e Patrícia RADAELLI. **Alimentação saudável**. NUT/FS/UnB – ATAN/DAB/SPS, disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentacao_saudavel.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html>.

JESUS, Tatiana Farias. **Trabalhadoras rurais de Feira de Santana: gênero, poder e luta no sindicato (1989- 2002)**. – Salvador, 2009. 120 f.: il.

LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multiforme**. v.1, 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1997.

LIMA. A, F.; SILVA. E, G, A.; IWATA.B, F. **Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura**. *Revista Retratos de Assentamentos*- Vol. 22 N.1 de 2019 ISSN: 1516-8182

Melo, Daniel Resende de. **Ações voltadas aos circuitos curtos de comercialização da agricultura familiar e suas contribuições para o desenvolvimento econômico [manuscrito]: um estudo do território do Médio e Baixo Jequitinhonha em Minas Gerais– 2017**. [12], 76 f. : il.

MOREIRA, Vicente Diocleciano. **Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana**. 1986, p. 175, *Revista Sitientibus – UEFS*.

PLOEG, J. D.V. **Dez qualidades da agricultura familiar**. Agriculturas. Rio de Janeiro, v. 1, n. Extra, p. 7-14, fev. 2014.

Portal de Consumo Responsável. **O que é**. Instituto Kairós – Ética e Atuação Responsável, 2000. Disponível em: <https://consumoresponsavel.org.br/carta-politica/> acesso em:18/05/2022.

RAMBO, J. R., Tarsitano, M. A. A., & Laforga, G. (2016). **Agricultura familiar no Brasil, conceito em construção: trajetória de lutas, história pujante**. *Revista De Ciências Agroambientais*, 14(1). <https://doi.org/10.5327/rcaa.v14i1.1415>

REIS, Maíra Lopes dos. **O trabalho das mulheres na produção do espaço agrário de Matinha dos Pretos-Feira de Santana-Bahia** - Salvador, 2013. 158 f. : il.

ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto. **Circuitos Curtos de Comercialização como Inovação Social que Valoriza A Agricultura Familiar Agroecológica**. Circuitos Curtos De Comercialização, Agroecologia e Inovação Social, p. 19, 2021.

SILVA, M. N.; CECCONELLO, S. T.; Altemburg, S. G. N.; SILVA, F. N.; Becker, C. **A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil**. 2017, *Revista Espacios*, 38(47), 7.

SOUZA, Maria José Alves de et al. **Uma Análise da Feira Livre da Cidade Nova (Feira de Santana, Ba): Subsídios para Estudo de Preservação e Educação Patrimonial**. 2017.

THEODORO JUNIOR, Humberto. **Curso de Processo Civil**. V. II. 3ª.ed. Editora Forense, Rio de Janeiro, 2002, p. 457.

WANDERLEY, M.N.B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J.C. (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. 3ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2001. p. 21-55.